

DOI: 10.35621/23587490.v11.n1.p695-702

RELAÇÃO ENTRE O DESENVOLVIMENTO DE ALERGIA ALIMENTAR E A NÃO AMAMENTAÇÃO NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA

RELATIONSHIP BETWEEN THE DEVELOPMENT OF FOOD ALLERGY AND NON-BREASTFEEDING IN CHILDHOOD: A LITERATURE REVIEW

Eduardo Henrique Sarmiento Bastos¹
Cícera Amanda Mota Seabra²
Ankilma do Nascimento Andrade Feitosa³
José Olivandro Duarte de Oliveira⁴

RESUMO INTRODUÇÃO: O Aleitamento Materno (AM) é a forma mais recomendada de alimentação para bebês, com o objetivo de suprir necessidades nutricionais e imunológicas, tendo sua composição variando conforme essas necessidades. Os benefícios do AM são extensivos tanto para mãe quanto para o bebê, sendo recomendado Aleitamento Materno Exclusivo até os seis primeiros meses de vida, complementando com outros tipos de alimentos após esse período. Ademais, há também os riscos relacionados ao AM, tendo os profissionais a obrigação de orientar e garantir sua prática. Este estudo busca avaliar a relação disposta na literatura acerca do desenvolvimento de alergia alimentar e a não amamentação na infância. **MÉTODOS:** Foi realizada uma Revisão da Literatura nas bases de dados LILACS, PubMed e SciELO, tendo como critérios de inclusão publicações entre 2019 e 2024, nos idiomas inglês, português e espanhol utilizando descritores específicos, sendo

¹ Médico pelo Centro Universitário Unifacisa - Campina Grande, Residente (R2) do Programa de Residência Médica em Medicina de Família e comunidade da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB).

² Médica pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela Associação Médica Brasileira, Mestrado Profissional em Saúde da Família pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Coordenadora da Macro III do Programa de Residência Médica em Medicina de Família e comunidade da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB).

³ PhD pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Mestre e Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pró-reitora de Pós-Graduação e EAD e docente do Centro Universitário Santa Maria (UNISM).

⁴ Mestrando em Saúde da Família pela FIOCRUZ-RJ/UEPB, Médico de Família e Comunidade pelo Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), graduado em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

excluídos estudos que não se concentrassem na população infantil, que fossem publicados antes de 2019, , ou que não estivessem disponíveis nos idiomas selecionados. Após aplicação desses critérios, 08 artigos foram considerados para estudo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O Leite Materno é fonte de diversos imunobiológicos, que ajudam o bebê a desenvolver proteção contra diversas condições imunológicas. Essas substâncias auxiliam, por exemplo, no desenvolvimento de uma microbiota intestinal saudável, ajudando a prevenir respostas alérgicas exacerbadas. A introdução precoce de fórmulas infantis se associa com o maior risco de condições alérgicas imunomediadas, sendo mostrado a necessidade de evitar a introdução de alimentos antes dos seis meses. Os estudos corroboram que a prática da amamentação se associa também com a redução de outros transtornos e doenças, como respiratórias e gastrointestinais, que por sua vez, podem desencadear respostas imunes. O AM é então recomendado não apenas por benefícios imediatos, mas também por resposta duradoura nas crianças. **CONCLUSÃO:** A relação ente a não amamentação e o desenvolvimento de alergias alimentares se mostra concreto na literatura, sendo necessário ressaltar a relevância de incentivos públicos que mostrem os benefícios do AM, focando-se principalmente na capacitação de profissionais de saúde para oferecer todo o suporte necessário.

ABSTRACT INTRODUCTION: *Breastfeeding (BF) is the most recommended form of feeding for babies, with the aim of meeting nutritional and immunological needs, with its composition varying according to these needs. The benefits of BF are extensive for both mother and baby, with Exclusive Breastfeeding being recommended until the first six months of life, supplementing with other types of food after this period. Furthermore, there are also risks related to BF, with professionals having the obligation to guide and guarantee its practice. This study seeks to evaluate the relationship found in the literature regarding the development of food allergies and non-breastfeeding in childhood.* **METHODS:** *A Literature Review was carried out in the LILACS, PubMed and SciELO databases, using as inclusion criteria publications between 2019 and 2024, in English, Portuguese and Spanish using specific descriptors, excluding studies that did not focus on the child population, that were published before 2019, , or that were not available in the selected languages. After applying these criteria, 08 articles were considered for study.* **RESULTS AND DISCUSSION:** *Breast milk is a source of several immunobiologicals, which help the baby develop protection against various immunological conditions. These substances help, for example, in the development of a healthy intestinal microbiota, helping to prevent exacerbated allergic responses. The early introduction of infant formula is associated with a greater risk of immune-mediated allergic conditions, demonstrating the need to avoid introducing foods before six months. Studies corroborate that the practice of breastfeeding is also associated with the reduction of other disorders and diseases, such as respiratory and gastrointestinal, which in turn, can trigger immune responses. BF is therefore recommended not only for immediate benefits, but also for lasting response in children.* **CONCLUSION:** *The relationship between non-breastfeeding and the development of food allergies is concrete in the literature, and it is necessary to highlight the relevance of public incentives that show the benefits of BF, focusing mainly on training health professionals to offer full support necessary.*

INTRODUÇÃO

O Aleitamento Materno (AM) é amplamente reconhecido como a forma mais recomendada de alimentação para bebês, sendo crucial para seu crescimento e desenvolvimento saudáveis. Este método consiste em oferecer o leite materno diretamente da mãe ao bebê, satisfazendo suas necessidades nutricionais e imunológicas. O leite materno é rico em proteínas, gorduras, carboidratos, vitaminas e minerais essenciais, além de conter anticorpos e células de defesa que protegem o bebê contra infecções e alergias. Sua composição varia conforme as necessidades do bebê em diferentes fases do crescimento, facilitando a digestão pelo sistema gastrointestinal imaturo do recém-nascido (VICTORA *et al.*, 2016; ALVES *et al.*, 2020).

A prática do AM pode ser dividida em duas formas principais: Aleitamento Materno Exclusivo (AME) e Aleitamento Materno Complementado (AMC). O AME é recomendado durante os primeiros seis meses de vida do bebê, sem a necessidade de água, chás ou outros alimentos. Após esse período, o leite materno deve ser complementado com a introdução de alimentos adequados à idade do bebê, mantendo-se como parte importante da dieta. Essas práticas são fundamentais para garantir a nutrição adequada e a proteção contra doenças (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021; SANTOS *et al.*, 2022).

Os benefícios do AM são extensivos tanto para o bebê quanto para a mãe. Para o bebê, o AM fornece todos os nutrientes necessários para um crescimento saudável, reduz o risco de infecções, alergias e doenças crônicas, além de fortalecer o vínculo emocional com a mãe e contribuir para o desenvolvimento cognitivo e emocional. Para a mãe, o AM auxilia na contração uterina pós-parto, ajudando na recuperação do útero, reduz o risco de câncer de mama e ovário e auxilia no controle do peso pós-gestacional. Ademais, é uma prática econômica e prática, pois evita a necessidade de comprar fórmulas infantis (BRAGA *et al.*, 2020).

Por outro lado, existem alguns riscos associados ao AM, como a transmissão de substâncias tóxicas em casos onde a mãe esteja exposta a tais substâncias. Além

disso, infecções mamárias, como mastite, podem exigir a interrupção temporária do aleitamento. Portanto, é essencial que mães lactantes recebam orientações de profissionais de saúde para garantir uma prática segura e benéfica tanto para elas quanto para seus bebês. Em resumo, o AM deve ser incentivado e apoiado desde o nascimento, pois é uma prática essencial para a saúde e bem-estar de ambos (VICTORA *et al.*, 2016; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

O presente estudo tem como objetivo avaliar a relação disposta na literatura acerca do desenvolvimento de alergia alimentar e a não amamentação na infância.

MÉTODO

Para analisar a relação entre o desenvolvimento de alergia alimentar e a não amamentação na infância, foi realizada uma revisão de literatura utilizando descritores específicos e bases de dados reconhecidas. A pesquisa foi conduzida nas bases de dados LILACS, PubMed e SciELO, abrangendo publicações entre 2019 e 2024, nos idiomas inglês, português e espanhol. Os descritores utilizados foram: "food allergy," "breastfeeding," "infant nutrition," "alergia alimentar," "amamentação," "nutrição infantil," "alergia alimentaria," "lactancia materna" e "nutrición infantil." A combinação desses termos permitiu uma busca abrangente e precisa dos estudos relevantes.

Os critérios de inclusão consideraram artigos originais, revisões sistemáticas e meta-análises que abordassem diretamente a relação entre a amamentação e o desenvolvimento de alergias alimentares em crianças. Foram incluídos estudos que apresentassem dados quantitativos ou qualitativos, publicados em revistas científicas indexadas nas bases mencionadas. Estudos que não se concentrassem na população infantil, que fossem publicados antes de 2019, ou que não estivessem disponíveis nos idiomas selecionados foram excluídos. Adicionalmente, artigos que tratassem de alergias não alimentares ou que não especificassem o tipo de alimentação infantil também foram descartados.

Após a aplicação dos critérios de busca e seleção, um total de 8 documentos foram escolhidos para análise. Esses documentos foram examinados quanto à

metodologia, resultados e conclusões sobre a relação entre a não amamentação e o desenvolvimento de alergias alimentares. A análise detalhada desses estudos permitiu identificar padrões e divergências nos achados, contribuindo para uma compreensão mais profunda do impacto da amamentação na prevenção de alergias alimentares em crianças. Essa revisão da literatura busca fornecer insights valiosos para profissionais de saúde e pesquisadores, além de apoiar políticas de promoção do aleitamento materno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A relação entre a amamentação e o desenvolvimento de alergias alimentares na infância é um tema amplamente discutido na literatura científica, revelando a importância do AME nos primeiros meses de vida como uma estratégia preventiva essencial. Estudos indicam que o leite materno oferece componentes imunológicos críticos, como imunoglobulina A (IgA), lactoferrina e fatores anti-inflamatórios, que ajudam a proteger o bebê contra alergias alimentares e outras condições imunológicas. Greer, Sicherer e Burks (2019) destacam que a amamentação exclusiva por seis meses pode reduzir significativamente a incidência de doenças atópicas, incluindo alergias alimentares, devido à modulação da resposta imunológica do bebê através dos fatores bioativos presentes no leite materno. Esses componentes não apenas reforçam o sistema imunológico, mas também auxiliam no desenvolvimento de uma microbiota intestinal saudável, essencial para a prevenção de respostas alérgicas exacerbadas.

Ademais, a revisão de Fleischer e Chan (2020) reforça a relevância da amamentação na prevenção de alergias alimentares, observando que a introdução precoce de fórmulas infantis está associada a um maior risco de desenvolvimento dessas condições. As proteínas presentes nas fórmulas podem ser percebidas pelo sistema imunológico do bebê como antígenos estranhos, desencadeando respostas alérgicas em crianças geneticamente predispostas. Esse achado é corroborado por Pontes Silva *et al.* (2024), que encontraram uma prevalência maior de alergias

alimentares em crianças que não foram amamentadas exclusivamente nos primeiros seis meses de vida. Esses estudos sublinham a importância de evitar a introdução precoce de alimentos sólidos e fórmulas infantis, uma vez que estas podem interromper o desenvolvimento imunológico ideal proporcionado pelo leite materno.

A amamentação também desempenha um papel crucial no desenvolvimento da microbiota intestinal do bebê, que é fundamental para a regulação do sistema imunológico e a prevenção de alergias. Fracalossi *et al.* (2023) evidenciam que a amamentação contribui para uma microbiota intestinal equilibrada, reduzindo a inflamação e, conseqüentemente, a sensibilização a alimentos alergênicos. Este estudo aponta que crianças amamentadas possuem uma menor prevalência de inflamações intestinais e disbiose, condições que estão frequentemente associadas ao desenvolvimento de alergias alimentares. Além disso, a presença de prebióticos no leite materno favorece o crescimento de bactérias benéficas no intestino, promovendo um ambiente intestinal saudável que suporta uma resposta imunológica equilibrada.

Os fatores imunológicos fornecidos pelo leite materno são vitais não apenas para a prevenção de alergias alimentares, mas também para a proteção contra uma ampla gama de infecções e doenças crônicas. Dos Santos e Ribeiro (2024) observam que a amamentação está associada a uma redução significativa no risco de infecções respiratórias e gastrointestinais, condições que podem predispor o bebê a desenvolver alergias alimentares. A pesquisa destaca que a introdução de fórmulas infantis pode comprometer essa proteção, expondo o bebê a um risco aumentado de infecções que podem desencadear respostas alérgicas subseqüentes. A prática da amamentação exclusiva é, portanto, recomendada não apenas por seus benefícios nutricionais imediatos, mas também pelos efeitos duradouros na saúde imunológica do bebê.

Em síntese, os dados revisados sugerem que a amamentação exerce um efeito protetor significativo contra o desenvolvimento de alergias alimentares na infância. As propriedades imunológicas e nutricionais do leite materno, juntamente com sua influência benéfica sobre a microbiota intestinal, destacam a importância de promover e apoiar o AME nos primeiros seis meses de vida como uma medida preventiva contra alergias alimentares. Esse enfoque não só beneficia a saúde imediata do bebê, mas também proporciona proteção a longo prazo contra doenças atópicas e outras

condições imunológicas (Greer, Sicherer e Burks, 2019; Fleischer e Chan, 2020; Pontes Silva *et al.*, 2024; Sena *et al.*, 2024; Dos Santos e Ribeiro, 2024; Fracalossi *et al.*, 2023; Dos Santos, Reis e De Sousa, 2024; Ribeiro *et al.*, 2023).

CONCLUSÃO

A reflexão sobre a relação entre a amamentação e o desenvolvimento de alergias alimentares na infância ressalta a importância de iniciativas científicas e políticas públicas que incentivem o AME nos primeiros seis meses de vida. É essencial promover campanhas educativas que esclareçam os benefícios do leite materno, não apenas para a nutrição, mas também para a imunidade do bebê. Além disso, é crucial ampliar a pesquisa sobre a influência da microbiota intestinal na prevenção de alergias, promovendo estudos longitudinais que acompanhem crianças desde o nascimento. Políticas de saúde pública devem focar na capacitação de profissionais de saúde para oferecer suporte às mães, garantindo que todas tenham acesso às informações e recursos necessários para a prática do aleitamento materno. Incentivar a criação de bancos de leite humano e de ambientes de trabalho que favoreçam a continuidade da amamentação são medidas essenciais. A expansão dessas iniciativas pode contribuir significativamente para a redução das taxas de alergias alimentares, melhorando a qualidade de vida das futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Fernanda Nascimento *et al.* Impacto do método canguru sobre o aleitamento materno de recém-nascidos pré-termo no Brasil: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4509-4520, 2020.
- BRAGA, Milayde Serra; DA SILVA GONÇALVES, Monicque; AUGUSTO, Carolina Rocha. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian journal of development**, v. 6, n. 9, p. 70250-70261, 2020.
- DOS SANTOS, J. A.; REIS, K. A. S.; DE SOUSA, D. T. Alergia alimentar na infância. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, v. 10, n. 2, 2024.
- DOS SANTOS, K. O.; RIBEIRO, D. F. S. Aleitamento materno: desmame precoce e suas consequências: uma revisão de literatura. **Revista Educação em Saúde**, v. 12, n. 1, p. 26-36, 2024.
- FLEISCHER, D. M.; CHAN, E. S. Breastfeeding and the introduction of complementary foods for the prevention of food allergy. **Allergy, Asthma & Clinical Immunology**, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2020.
- FRACALOSSO, V. C. *et al.* Prevenção de alergias alimentares mediadas pelo perfil TH2 em crianças: uma revisão sistemática. **Anais da Semana Universitária e Encontro de Iniciação Científica**, v. 1, n. 1, 2023.
- GREER, F. R.; SICHERER, S. H.; BURKS, A. W. The effects of early nutritional interventions on the development of atopic disease in infants and children: the role of maternal dietary restriction, breastfeeding, hydrolyzed formulas, and timing of introduction of allergenic complementary foods. **Pediatrics**, v. 143, n. 4, e20190281, 2019.
- PONTES SILVA, T. *et al.* Características clínicas e nutricionais de crianças com alergia alimentar atendidas ambulatorialmente. **Revista Nutrición Clínica y Dietética Hospitalaria**, v. 44, n. 2, 2024.
- RIBEIRO, K. A. *et al.* Efeito do aleitamento materno para o sistema imunológico: uma prática de incentivo na assistência de enfermagem. **Revista Coopex**, v. 14, n. 2, p. 1076-1089, 2023.
- SANTOS, Márcia Vieira dos *et al.* Promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno no espaço prisional: uma scoping review. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2689-2702, 2022.
- SENA, M. L. A. *et al.* Aleitamento materno: fator de proteção contra alergias alimentares. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2 Edição Especial, 2024.
- VICTORA, C. G.; BAHL, R.; BARROS, A. J.; FRANÇA, G. V.; HORTON, S.; KRASEVEC, J.; ... ROLLINS, N. C. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Breastfeeding. 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/health-topics/breastfeeding>>. Acesso em: 29 jul. 2024.